



Borboletas

ALEXANDRA NEVILLE*

Tradução: Eva Paulino Bueno**

Um dia ensolarado há algum tempo atrás, quando eu estava dirigindo meu carro, uma borboleta bateu no para-brisa e suas asas deixaram no vidro uma marca que parecia um leve traçado de pó colorido. Uma vez alguém me disse que se o pozinho que dá cor às asas de uma borboleta for retirado, a borboleta morre. Eu fiquei pensando nisso enquanto olhava aquela marca alaranjada e marrom no para-brisa.

As borboletas me fascinam desde quando eu tinha quase nove anos de idade. Há algo muito atraente na sua despreocupada beleza, sua liberdade, sua falta de cuidado. Uma lagarta acorda de seu sono de metamorfose para encontrar-se dona de um par de asas que a levarão de jardim a jardim e de flor em flor, como as flores que eu uma vez levei nos braços quando criança.

Eu me lembro daquela ida ao campo, à igreja onde minha mãe tinha sido enterrada um ano antes. Eu ia sentada no banco traseiro do nosso carro, carregando no colo um buquezinho de flores embrulhadas em celofane, olhando pela janela e vendo que os postes de luzes da cidade se transformavam em postes de alta tensão e finalmente em

campos marrons. E havia tantas borboletas – umas pequeninas, amarelas, que enchiam o ar e eram pegadas no vento e acabavam espatifadas na grade do nosso carro. Os limpadores de para-brisa continuavam esfregando no vidro as borboletas e suas asas cheias de pó colorido, até que ficou difícil enxergar. De onde elas vinham? Para onde iam?

Nós chegamos à igreja e caminhamos até o pequeno cemitério, que estava completamente quieto, exceto pelo zumbido das cigarras e dos grilos. Meu pai olhava para o céu, distraído, enquanto eu passava minha mão sobre o nome dela escrito na tumba, e senti na minha mão o contato da pedra fria, embora fosse uma tarde de verão.

Nós rezamos uma oração por minha mãe antes de voltarmos ao carro. Enquanto eu caminhava, olhei para trás, e vi um grupo de borboletas já se juntando em volta das flores que eu tinha acabado de colocar sobre a tumba.

O ano seguinte veio e foi, e nós não retornamos à igreja, e não retornamos nunca mais. Nós dissemos adeus naquele dia; nós tínhamos matado borboletas demais.

* ALEXANDRA NEVILLE cursa o último ano do colegial na Boerne High School em Boerne, Texas. Atualmente também faz curso de English Composition na University of Texas in San Antonio.

** EVA PAULINO BUENO, depois de quatro anos trabalhando em universidades no Japão, leciona Espanhol e Português na St. Mary's University em San Antonio, Texas. Ela é autora de *Mazzaropi, o artista do povo* (EDUEM 2000), *Resisting Boundaries* (Garland, 1995), *Imagination Beyond Nation* (University of Pittsburgh Press, 1999), *Naming the Father* (Lexington Books, 2001), e *I Wouldn't Want Anybody to Know: Native English Teaching in Japan* (JPGS, 2003).